



O INGRESSO FEMININO NA UNIVERSIDADE: AMBICÕES, DIFICULDADES E O DESEJO DE PROSSEGUIR

WOMEN'S ENTRANCE TO THE UNIVERSITY: AMBITIONS, DIFFICULTIES AND THE DESIRE TO PROCEED

ENTRADA DE LAS MUJERES A LA UNIVERSIDAD: AMBICIONES, DIFICULTADES Y EL DESEO DE PROCEDER

Sônia Maria Alves de Oliveira Reis ¹

Samara Gomes Aguiar ²

Valquiria Normanha Paes ³

Resumo: Este trabalho objetivou analisar, a partir das especificidades da condição feminina, como acontece a permanência e a participação de mulheres que são: “*mães, esposas, donas de casa ou trabalhadoras*” no Departamento de Educação, *Campus XII* da Universidade do Estado da Bahia. Trata-se de uma pesquisa de campo, fundamentada nos pressupostos da abordagem qualitativa. Valeu-se de questionários e entrevistas semiestruturadas para coletar os dados, posteriormente analisados com o auxílio da análise de conteúdo. Os resultados apontam que as mulheres têm experienciado uma multiplicidade de tarefas que as tem sobrecarregado, isso muitas vezes as obriga a escolher entre desempenhar funções que lhe são impostas, ou estudar. Conclui-se que o perfil das mulheres mudou, e em virtude disso a academia não pode mais invisibilizar esse público, pois diante de um predomínio numérico e maioria substancial, atuam agora como protagonistas de suas próprias vidas.

Palavras-chave: Mulheres. Universidade. Ingresso.

Abstract: This study aimed to analyze, based on the specificities of the female condition, how the permanence and participation of women happens to be: “*mothers, wives, housewives or workers*” in the Department of Education, *Campus XII* of the State University of Bahia. It is a research based on the assumptions of the qualitative approach, and considering that it is a field research, it used questionnaires and semi-structured interviews to collect the data, later analyzed with the aid of content analysis. The results show that women have experienced a multiplicity of tasks that have overloaded them, this often forces them to choose between performing duties imposed on them, or studying. It is concluded that the profile of women has changed, and as a result of this the academy

¹ Universidade do Estado da Bahia. Guanambi, Bahia, Brasil.

² Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.

³ Universidade do Estado da Bahia. Guanambi, Bahia, Brasil.

can no longer make this public invisible, because in the face of a numerical predominance and substantial majority, they now act as protagonists of their own lives.

Keywords: Womans. University. Ingress.

Resumen: Este estudio tuvo como objetivo analizar, con base en las especificidades de la condición femenina, cómo la permanencia y la participación de las mujeres son: "madres, esposas, amas de casa o trabajadoras" en el Departamento de Educación, Campus XII de la Universidad Estatal de Bahía. Es una investigación basada en los supuestos del enfoque cualitativo, y considerando que es una investigación de campo, utilizó cuestionarios y entrevistas semiestructuradas para recopilar los datos, que luego se analizaron con la ayuda del análisis de contenido. Los resultados muestran que las mujeres han experimentado una multitud de tareas que las han sobrecargado, lo que a menudo las obliga a elegir entre realizar tareas que se les imponen o estudiar. Se concluye que el perfil de las mujeres ha cambiado, y como resultado de esto, la academia ya no puede hacer que este público sea invisible, porque ante un predominio numérico y una mayoría sustancial, ahora actúan como protagonistas de sus propias vidas.

Palabras clave: Mujer. Universidad. Entrada.

1 AS ATUAIS CONDIÇÕES FEMININAS NA UNIVERSIDADE

Analisando a história da humanidade pode-se perceber que toda sociedade, independente da época em que se encontre, é resultado de uma construção anterior que nunca está acabada, pelo contrário, é contínua e gradativa. A organização social brasileira tem se consolidado da mesma forma, diante de uma sucessão de fatos e fatores que a transformaram no que é hoje. Foram vários os pilares que a sustentaram no decorrer de sua estruturação, assim é cabível dizer então que somos fruto de um passado edificado sobre inúmeros conceitos e certezas que moldaram a realidade atual.

Uma dessas concepções, que não é exclusiva da realidade brasileira, refere-se ao patriarcado. Esse ideal de soberania masculina que está fincado na gênese de nossa sociedade, e de tantas outras, gerou incontáveis consequências para as mulheres, em diversos aspectos de suas vidas, pois são um coletivo que durante muito tempo, encontraram-se no lado subjugado do contexto. É somente nos últimos anos do século XX, graças a um longo caminho de lutas, que o público feminino começou a viver as mudanças plantadas em um passado de resistências e embates contra todas as formas de dominação a que vinham sendo submetidas.

Mesmo em meio a um cenário de mudanças, não se pode ignorar as sequelas criadas pela desigualdade de gênero. São muitas as implicações disso em nosso cotidiano, na forma como pensamos e agimos, no modo como nos organizamos social e politicamente, exercendo,



portanto, influência direta em diversos aspectos como leis e direitos, ou a negação deles. Em vista disso é que se pode perceber a relevância de pesquisar sobre o tema mulheres acadêmicas que são: *“mães, esposas, donas de casa ou trabalhadoras”*, pois já que universidade é um espaço que defende a necessidade de inclusão e também atua como um ambiente para tal, torna-se assim um local propício para a reivindicação dos direitos de grupos que almejam por transformações.

Diante das inquietações acima expostas este texto pretende apresentar, a partir das especificidades da condição feminina, como acontece a permanência e a participação de mulheres no Ensino Superior. Além disso, objetiva discutir as múltiplas percepções, as principais motivações e a condição da mulher: *“mãe, esposa, dona de casa ou trabalhadora”* no contexto universitário.

A escolha por esse tema despertou-se primeiramente no contexto de nossa sala de aula, pois notamos as limitações que algumas colegas que se encaixavam em uma ou em todas as condições de: *“mães, esposas, donas de casa ou trabalhadoras”* tinham no momento de dedicar-se às atividades acadêmicas, uma vez que suas outras *“obrigações”*, fora do cenário universitário, também eram vistas como prioridade, e essa *“falha”* na tentativa de conciliação frustrava as alunas de tal modo que os discursos constantes sobre a insatisfação delas acabou por nos inquietar. Suas maiores queixas remetiam-se aos impasses que narravam ao enfrentar a harmonização dessas várias tarefas, que muitas vezes lhes eram impostas, ainda que de forma simbólica.

As reflexões que ora apresentamos sinalizam a necessidade de as mulheres universitárias reconhecerem o valor de suas próprias lutas, para que, assim, assumam seu lugar na busca por seus direitos e percebam que não estão sozinhas na jornada que é a vida acadêmica feminina. Apontam também o quanto é importante desnaturalizar a situação de alunas mães que precisam levar suas crianças consigo para a sala de aula, pois a naturalização dos fatos impede que soluções sejam apontadas, uma vez que tudo o que é tido como normal não é questionado, e deste modo se perpetua sem perspectivas de mudança.

2 CAMINHO METODOLÓGICO

Por este estudo dispor-se a analisar, a partir das especificidades da condição feminina, como acontece a permanência e a participação de algumas mulheres no Departamento de



Educação, *Campus XII* da Universidade do Estado da Bahia, decidimos realizar uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa, resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica (IC) e Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Pedagogia.

Para concretizar a idealização de pesquisa que havia sido feita no IC, algumas estratégias foram traçadas para chegar aos resultados desta investigação. De início, delimitou-se que seria realizada uma pesquisa de campo, pois ela permite um contato mais próximo do/a pesquisador/a com os/as sujeitos/as e com o local de análise, já que exige a ida ao ambiente e isso possibilita criar um vínculo maior com o universo que será observado.

A utilização dos procedimentos da pesquisa qualitativa auxiliou no entendimento em amplitude do contexto do problema, nos permitiu conhecer as singularidades e regularidades das mulheres que vivenciam uma ou todas as condições estabelecidas pelo estudo. Por se tratar de um recurso indutivo que busca entender por que o/a indivíduo/a age da forma que age, pensa da forma que pensa ou sente da forma que sente, ele melhor atendeu às necessidades desta investigação, uma vez que as respostas em profundidade são geradas principalmente por meio da abordagem qualitativa, já que ela “responde a questões muito particulares [...], trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2002, p. 21).

A instituição educativa escolhida como *lócus* da pesquisa foi o Departamento de Educação, *Campus XII*, da Universidade do Estado da Bahia, situado na cidade de Guanambi/BA. Essa escolha se deu pelo fato de ser o local onde estudávamos no ano de 2018 e também por termos observado naquele espaço as limitações que as mulheres, nas condições aqui estabelecidas, se deparavam quando precisavam dedicar-se às atividades acadêmicas. As colaboradoras da pesquisa foram mulheres estudantes, com faixa etária variante entre 17 e 54 anos, que se encaixam em todas ou em alguma/s das condições delimitadas.

Para a coleta dos dados com as discentes foram entregues a elas 135 questionários e desses, 116 foram devolvidos. Desse quantitativo de alunas, 15 cursavam Administração, 14 Enfermagem, 17 Educação Física, 69 Pedagogia e apenas 1 delas não especificou o curso. Dentre essas, 95 são mães e 21 no momento da pesquisa não eram, ou seja, a pesquisa foi realizada majoritariamente com mulheres mães, e que além dessa condição ainda agregam as funções de donas de casa, esposas e em alguns casos ainda possuem um trabalho remunerado fora Do lar. É válido ressaltar que as 21 que não eram mães foram selecionadas pelo fato de



atenderem a pelo menos um dos critérios da pesquisa, isto é, mesmo não tendo filhos/as as colaboradoras ou eram donas de casas⁴, ou esposas ou possuíam um emprego remunerado.

Para atender à necessidade de coletar informações mais pessoais em relação à visão das graduandas sobre o modo como sua trajetória acadêmica vinha acontecendo empregou-se no estudo um questionário semiestruturado. Ele é definido como o meio mais rápido para a obtenção de informações, sendo bastante eficaz por não exigir treinamento de pessoal e, ainda, garantir de forma mais segura o anonimato dos/as envolvidos/as (GIL, 2010).

Após a devolutiva e análise dos questionários, realizamos as entrevistas semiestruturadas. Além da intenção de ouvir alunas dos 4 cursos⁵ oferecidos pelo *Campus XII* – UNEB, utilizamos como critérios de seleção as condições de cada uma das mulheres, já que não se pretendia entrevistar somente aquelas com perfis semelhantes, a exemplo de somente mães ou somente esposas. Ainda o perfil socioeconômico, pois considerando a barreira da condição financeira como uma variante que dificulta ainda mais a trajetória acadêmica dessas mulheres, deu-se preferência àquelas que se definiram como de baixa renda.

Com essas questões delimitadas, elaboramos então algumas indagações compostas no *corpus* da entrevista, que posteriormente foi realizada com as participantes, intencionando compreender como percebiam sua presença e participação no Ensino Superior. A entrevista foi agendada previamente com as alunas e, ponderando acerca dos muitos ofícios que desempenham além da vida universitária, as conversas foram realizadas no próprio DEDC XII, em horários que fossem mais cômodos para as participantes.

A escolha pela utilização da entrevista se deu pelo fato de essa técnica permitir que o/a entrevistado/a tenha a liberdade de se expressar de maneira mais espontânea, debatendo e expondo sua opinião sobre um determinado tema. Ela pode ser conceituada como o procedimento pelo qual o/a investigado/a apresenta-se como fonte humana de informações para o/a pesquisador/a e este/a lhe formula perguntas, visando coletar dados que fomentem o andamento e os objetivos da pesquisa (GIL, 2010).

Este estudo buscou assimilar concepções teóricas a um conjunto de instrumentos que possibilitassem conhecer as interpretações particulares das experiências de mulheres nas

⁴ Nesta pesquisa assume-se como dona de casa as mulheres que (casadas ou não, mães ou não, trabalhadoras ou não) realizam sozinhas, ou a maior parte das atividades domésticas, como higienização da casa, lavagem das roupas, entre outras.

⁵ No DEDC XII – UNEB são oferecidos os cursos de Enfermagem, Pedagogia, Educação Física e Administração.



condições de: *“mães, esposas, donas de casa ou trabalhadoras”*, que lidam com as dificuldades para permanecer na universidade pública, dadas as circunstâncias cotidianas em que muitas vezes se vêm forçadamente inseridas.

A análise dos dados qualitativos produzidos durante a investigação foi direcionada com base na análise de conteúdo, pois é o processo pelo qual se dá ordem, estrutura e significado às informações que são alcançadas no decorrer da pesquisa. Consiste, ainda, na transformação dessas informações em conclusões e informações úteis para o estudo, já que se trata de “um método empírico, um conjunto de instrumentos em constante refinamento, que se aplica a discursos diversificados e que se refere, principalmente, à descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo, sem, por isso, deixar de ser uma análise de significados” (BARDIN, 2011, p. 15). Baseando-se nesta afirmativa, as diferentes fases da análise de conteúdo foram organizadas em torno de três polos cronológicos: a pré-análise, a exploração do material e por fim, o tratamento dos resultados, que foram subdivididos em inferência e interpretação.

3 MÚLTIPLAS PERCEPÇÕES SOBRE O INGRESSO FEMININO NA UNIVERSIDADE

Existem algumas questões relacionadas ao ingresso de mulheres em determinadas condições na universidade que nos inquietaram bastante durante a construção desta investigação, as principais delas foram: o espaço acadêmico é de fato pertencente a elas? Ele está preparado para recebê-las? Está disposto a se modificar para acolhê-las? Quais ações pontuais devem ser pensadas objetivando auxiliar na vida acadêmica dessas mulheres atuais, visto que elas têm se encaixado em certas conjunturas que as diferenciam dos/as demais alunos/as?

Quando essas indagações são pensadas em profundidade, é possível identificar inúmeras outras questões que também se entremeiam à trajetória estudantil de mulheres no Ensino Superior, pois “[...] se a era da razão silenciou, negou, ocultou e incluiu, no âmbito privado, várias formas e vários modos de viver, a globalização favoreceu a emergência de inúmeras transformações na vida pessoal, criando novas demandas e ansiedades” (MOREIRA; JÚNIOR, 2016, p. 47), e assim, diante do predomínio numérico delas e ainda de sua estadia em condições específicas não há como não questionar o porquê de esse espaço ainda se mostrar tão resistente a mudanças que auxiliem e facilitem a permanência desse público em



seu meio, visto que a dificuldade em conciliar os múltiplos papéis e tarefas que possuem é um fator determinante para a desistência de grande parte desse coletivo.

A transformação social, bem como a modificação na estrutura familiar pode elucidar a atribuição de tantas funções à mulher, pois “tal fato trouxe mudanças não apenas para a rotina da mulher contemporânea, mas também para seus projetos de vida e suas consequentes escolhas” (LOPES; ZANON; BOECKEL, 2014, p. 918).

Quando perguntadas sobre suas maiores preocupações no momento em que descobriram que haviam sido aprovadas no vestibular, todas as que eram mães, e em sua maioria casadas, de início se preocuparam com o afastamento e cuidado com os/as filhos/as, já que o trato com as crianças ser considerado um trabalho exclusivamente feminino é algo construído historicamente e que perdura até hoje, trazendo muitas consequências para o presente desse público. Em suma, as alunas afirmam que *a maior preocupação foi a dificuldade por ter uma filha pequena e não conseguir conciliar para me manter até o fim do curso* (ÁRTEMIS⁶, 20/04/2018). Outra estudante concorda dizendo que temia por não conseguir *conciliar uma vida dupla, principalmente com acompanhamento e desenvolvimento da minha filha, uma vez que fico fora o dia todo e estudo a noite* (ATENA, 12/05/2018).

Assentindo, mais algumas alunas citam que os receios maiores se remeteram a *abdicar de alguns momentos de estar próxima da minha filha* (DEMÉTER, 22/06/2018), ou de *quem cuidaria da minha filha enquanto eu estivesse na faculdade* (HERA, 17/04/2018), ou mesmo o *que fazer com meu filho que tinha apenas dois anos de idade* (HEMERA, 02/05/2018).

O afastamento dos/as filhos/as tratou-se de um dilema bastante citado pelas alunas, tendo como agravante o fato de aquelas que não possuíam condições nem mesmo de levar as crianças consigo para a sala de aula serem obrigadas a deixá-las sob os cuidados de outras pessoas, geralmente familiares, em sua maioria as avós:

O maior desafio que eu enfrento eu acho que é superar a distância, pois eu tenho que ficar longe da minha filha, pois praticamente passo o dia todo na faculdade, então meu maior desafio para continuar estudando é conseguir superar essa distância da minha filha [...] o que mais me dói é o fato de ficar longe dela. (TÁLASSA, 26/10/2018).

⁶ Para preservar a identidade das colaboradoras da pesquisa, optamos por identificá-las com o nome de personagens da mitologia grega, já que notamos que o percurso acadêmico de cada uma delas foi e tem sido marcado, por inúmeros desafios, resistências e superações, assim como o das referenciadas mulheres mitológicas.



Notou-se neste aspecto uma constância, já que para grande parte das discentes um dos maiores medos era o de não poder mais contar com a ajuda da mãe, ou sogra, para cuidar de seus/suas filhos/as, pois estas não tinham condições de pagar alguém para fazê-lo, e assim a única alternativa seria abandonar o curso. A questão sobressaliente aqui refere-se às obrigações da maternidade sobrepondo-se à vontade de estudar dessas mulheres, situação que causa atraso no ingresso educacional, desistência no prosseguimento dos estudos e a descontinuidade no plano de trabalho. Tudo isso surge como decorrência da suspensão da carreira educativa e profissional para o cuidado dos/as filhos/as pequenos/as, pois ela significa uma desaceleração das atividades e o retorno, quando ocorre, vem carregado de inúmeras dificuldades, seja quando a mulher se encontra na condição de profissional ou de estudante, prejudicando assim o prosseguimento educacional ou profissional delas.

Outra preocupação recorrente foi a respeito de como fariam a harmonização das diversas tarefas que já possuíam com as novas experiências que a academia traria. Relatam que tinham *medo de não conseguir conciliar o trabalho doméstico com as atividades acadêmicas [...] uma mistura de preocupação, felicidade e medo, pois já tinha noção que as coisas na UNEB não eram moleza (MEDUSA, 04/2018), ou conciliar o trabalho com os estudos, encontrar tempo para estudar e cuidar da casa e do marido (GAIA, 04/2018), até mesmo se eu iria conseguir conciliar estudo e trabalho (NIX, 05/2018) e ainda conciliar toda a vida que já tinha antes, com a faculdade e deixar minha filha (IRIS, 17/04/2018).*

Mesmo estando em um período histórico que permite o questionamento acerca de determinadas obrigações impostas, nota-se que o caminho para as mudanças que tais indagações oferecem ainda avança a passos lentos, pois diante de afirmativas como *a preocupação foi com quem eu poderia deixar meu filho para vir à universidade, pagar transporte, como seria a permanência (FEBE, 16/04/2018), ou se eu ia dar conta de filho pequeno, casa e as atividades da faculdade (TÉIA, 16/04/2018)*, fica fácil perceber como a questão de as mulheres serem obrigadas a ter que escolher entre os estudos, a maternidade ou o matrimônio e suas obrigações, ainda está enraizada em nossa sociedade. Ainda que de modo velado, o que podemos perceber é que existe uma espécie de cultura de penalização social por elas não estarem mais disponíveis exclusivamente para o lar.

Outro ponto que merece destaque é referente ao transporte, terceira preocupação mais periódica das estudantes, principalmente para as que moram fora da cidade onde o *Campus XII* está situado, já que o temor maior estava relacionado à *questão do transporte, já*



que moro em outra cidade (TÉTIS, 05/2018), ou seja, *o deslocamento de Riacho de Santana a Guanambi* (FREYA, 20/04/2018).

O transporte universitário não é assegurado em todos os municípios. A garantia, ou não, dele, depende muito da cidade, ou distrito, em questão. Em âmbito geral, a Lei que se responsabiliza pela condução dos/as estudantes é a de nº 9.394/96 que atua com acréscimo da Lei nº 10.709/2003, que prevê o direito do/a aluno/a no uso do transporte escolar.

O parágrafo VII do Art. 208 da Constituição Federal de 1988 delimita que fica como dever do Estado com a educação a “garantia de atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde” (BRASIL, 1988). Já o Art. 10 define que os Estados deverão se encarregar do transporte escolar dos/as alunos/as da rede estadual e o Art. 11 garante que os municípios assumirão o transporte escolar dos/as alunos/as da rede municipal.

Diante de falas, como *por ser de outra cidade diferente da universidade minha maior preocupação era o transporte que a prefeitura não disponibiliza* (PERSÉFONE, 06/2018) e *a falta de transporte público compatível com o horário integral do curso e a necessidade financeira de estar pagando outro transporte* (DORIS, 26/04/2018) pode-se concluir que não há seguridades que amparem os/as universitários/as quanto a seu transporte, já que aos Estados e Municípios fica definido que deverão fornecer condução aos/as alunos/as das redes estaduais e municipais, todavia, aos/as estudantes universitários essa garantia não é estendida.

Justamente devido às falas mencionadas acima a questão do transporte aparece como um impedimento naquilo que se refere aos estudos das acadêmicas pesquisadas, pois grande parte delas relatou sobre a dificuldade que possuem em custear um veículo particular e as prefeituras de seus municípios não disponibilizam ônibus gratuito. Logo, a questão financeira também se sobressai enquanto empecilho para a permanência das alunas na universidade.

Em suma, elas comentam que encontram obstáculos com *a falta de transporte, ter que pegar carona* (HÉSTIA, 26/10/2018), *a questão financeira, pois tem muitos gastos* (QUELONE, 26/10/2018), ou *principalmente o gasto que é muito alto, então trabalhar para manter a faculdade, manter a casa e dar conta do bebê* (MAIA, 26/10/2018). Corroborando com as estudantes acima citadas, outra aluna ainda endossa as falas, afirmando que:



O que mais pesa é o financeiro, porque aí você não tem mais tempo para trabalhar, porque já chega lá 13h30min, aí não tem como trabalhar mais à tarde, e a noite por conta das crianças também não dá para trabalhar [...] também a falta de bolsas né, porque são poucas então não é todo mundo que recebe aí isso dificulta um pouco. (HÉSTIA, 26/10/2018).

Elas narraram ainda que passam por tais situações de instabilidade financeira porque, não conseguindo a conciliação das muitas tarefas, tiveram que optar entre estudar ou trabalhar, e neste caso, priorizaram o estudo em detrimento de um emprego, e frente a isso, considerando que nem todas as mulheres conseguem fazer a conciliação da vida acadêmica com as outras funções que desempenham, é indispensável pensar acerca da evasão feminina do Ensino Superior.

Quando analisadas, as respostas das discentes revelaram que em algum momento pensaram em desistir dos estudos devido às muitas dificuldades que enfrentam cotidianamente, não enxergando possibilidade de melhoria diante desses impasses. A maioria menciona que mesmo continuando no curso em algum momento cogitaram abandoná-lo, já que motivos maiores atuavam sobre elas. São muitas as justificativas, citam que moram em cidades muito distantes do *Campus*, não conseguem dar conta das atividades acadêmicas, domésticas e maternas, ou dos estudos e do trabalho.

Algumas das participantes contaram que o que as inibiu de deixar o Ensino Superior foi a aquisição de alguma bolsa, sendo ela de auxílio estudantil ou não, pois programas como a Iniciação Científica (IC) e o Programa de Iniciação à Docência (PIBID), mesmo não se configurando enquanto política de assistência, também ajudam essas estudantes a se manter na universidade, já que “a assistência estudantil, enquanto mecanismo de direito social, tem como finalidade prover os recursos necessários para transposição dos obstáculos e superação dos impedimentos ao bom desempenho acadêmico” (VASCONCELOS, 2010, p. 609).

Concordando, uma aluna afirma que *o que me impediu foi a conquista de auxílios que me ajudaram a prosseguir como a bolsa do PIBID e do Mais Futuro* (METIS, 03/05/2018).

O que fica evidente é que com a expansão do Ensino Superior a inserção tornou-se mais acessível, mas a permanência não, pois diversos fatores determinantes atuam sobre essas mulheres, levando-as por caminhos que as vezes não deixam escolha a não ser o abandono, afastamento ou adiamento dos estudos.

Quando se fala em auxílio é importante lembrar que eles intencionam não privilegiar alguns/mas poucos/as, mas a busca pela superação do abismo existente entre aquele/as que



carecem ou não de algum tipo de ajuda. O que se busca é a viabilização de condições. Sem ajuda, equivale a dizer que todos os indivíduos, sem exceção, têm o direito de escalar o Monte *Eiger* ou o Monte *Everest*, desde que, evidentemente, sejam ótimos alpinistas e disponham dos recursos institucionais e financeiros para fazê-lo (MOREIRA; SILVA, 2000).

É preciso pensar nos grupos menos favorecidos de forma a considerar suas subjetividades, intencionando ajudá-los na continuidade dos estudos, pois *o difícil não é entrar, o difícil é permanecer* (HEBE, 16/04/2018). É necessária, portanto uma mobilização por parte dos/as menos/as privilegiados/as que intencione a efetivação de seus direitos, que pode ser feita através da pressão contra o poder público, até que ele ofereça as condições de estudo dignas para todos/as que desejarem.

4 AMBIÇÕES E PERSPECTIVAS: MOTIVOS QUE LEVAM À AÇÃO

O Ensino Superior tem se constituído ao longo da história da educação brasileira, como um nível educacional de maior complexidade devido aos diversos enfrentamentos que faz sobre os desafios sociais existentes. Partindo do pressuposto de que a sociedade vê a Educação Superior como uma alternativa de profissionalização de maior *status* social (SPARTA; GOMES, 2005), antes de buscar ingressar nessa modalidade educativa muitas pessoas são incentivadas por alguém que já passou por esse espaço ou até mesmo por aqueles/as que nunca tiveram a oportunidade, mas que enxergam importância e valor nele. Frente a isso defende-se que o incentivo pode ser determinante para o sucesso naquilo que se almeja alcançar dentro deste cenário.

Nesta perspectiva uma aluna diz que suas maiores motivações para o estudo são *realização profissional e pessoal também, pois sou a primeira da família de 11 irmãos a estar na universidade pública, [...] além da motivação profissional para no futuro dar uma melhor condição de vida para a minha filha* (TÁLASSA, 26/10/2018).

Considerando esta fala e diante da análise dos dados coletados, foi observado que praticamente todas as participantes, mesmo tendo aspirações próprias em relação ao Ensino Superior, possuem motivações que vão muito além disso.

A maioria cita que obtiveram estímulo principalmente das mães, familiares, filhos/as, amigos/as, irmãos/ãs, esposos/as e até mesmo professores/as do Ensino Médio. As que narram ter recebido incentivo de seus familiares deixam claro que esse apoio vem carregado



de desejos e sonhos que essas pessoas não conseguiram realizar, mas que ainda desejam ver concretizados através das filhas.

Dizem que o auxílio ofertado pelas mães é o mais significativo, já que a participação delas na vida dessas discentes é fundamental para sua permanência na academia. Essa discussão é contemplada na narrativa de duas estudantes, a primeira relata que [...] *nem consigo imaginar o que iria fazer se não tivesse a ajuda e apoio de minha mãe, e, em segundo, meu marido, que me incentiva, ajudando sempre e em tudo que pode* (AFRODITE, 18/04/2018). Em concordância com esta fala, outra aluna diz que se fortalece em seu [...] *filho e minha mãe, porque [...] por eu ser da roça e ter uma condição bem precária mesmo, eu sempre sonhei em ter um curso superior para dar uma condição melhor para minha mãe e agora para o meu filho* (MAIA, 26/10/2018).

Assentindo, outras alunas expõem que também têm como maiores estímulos os/as filhos/as. Contam que sempre que o pensamento de abandono surgia procuravam se lembrar de que não estavam naquele espaço somente por elas, que ali se tratava de um momento de formação para que mais adiante pudessem oferecer às pessoas que amam um futuro melhor, com mais oportunidades. As falas de duas alunas se complementam quando contam que:

[...] não penso nem tanto em mim, mas é por conta dos meus filhos, porque para mim isso aqui é só uma bagagem para eu poder trabalhar, é só para eu especializar né, para eu poder ter uma profissão e poder trabalhar e dar algo melhor para os meus filhos. (HÉSTIA, 26/10/2018).

[...] sei que tenho a minha necessidade, mas quando eu penso nos meus filhos, penso que posso ser uma mãe melhor, principalmente no curso de Pedagogia, então isso faz com que eu não perca de vista a intenção de estar me formando até pelo bem deles, estar me instruído para que eles me tenham, de certa forma, como exemplo, porque uma mãe que estuda é inspiração. A criança que vê os seus pais fazendo alguma atividade diariamente, eles já vão estar acostumados a ver essa tal atividade, então o que eu faço é por mim e por eles, e é benéfico para a família toda. (MINERVA, 25/10/2018).

Assim, é possível perceber que seus fomentos são bastante diversificados, vão do anseio pelo conhecimento até ao desejo de ser inspiração para suas crianças e oferecer uma vida mais confortável para aqueles/as que elas amam ou dependem delas.

Tiveram ainda aquelas que receberam apoio das irmãs que já são graduadas e reconhecem a qualidade do ensino ofertado pelo *Campus XII*, destacando a importância da formação humana e profissional que a UNEB possibilita. As que informaram receber apoio



dos/as docentes da Educação Básica sinalizam sobre a influência que o ingresso na Educação Superior tem durante o Ensino Médio, uma vez que os/as professores/as se empenham para oferecer condições favoráveis para que seus/suas alunos/as consigam adentrar nos cursos de graduação.

Do público pesquisado, apenas 4 mulheres relataram que não tiveram e nem têm apoio de familiares para permanecerem estudando, no entanto, contam que são motivadas o tempo todo por colegas que se inspiram na luta de outras mulheres que ajudaram na conquista da emancipação feminina, valendo-se disso e de ambições próprias para não desistir.

5 A CONDIÇÃO DA MULHER, MÃE, DONA DE CASA, ESPOSA E TRABALHADORA NA UNIVERSIDADE: *TENHO QUE ESCOLHER ENTRE LER UMA APOSTILA E LAVAR ROUPAS*⁷

Desde que a educação se consolidou como um campo que oportunizava a melhoria das condições de vida, o ensino tem sido conduzido de modo a capacitar os homens para conseguir bons empregos e cargos, ao passo que o das meninas sempre foi marcado pela restrição, até mesmo inexistência em alguns períodos. Isso acontecia porque a visão de mulher adequada era, e ainda é, aquela que ficava em casa, cuidando dos/as filhos/as e das obrigações domésticas, “no caso do Brasil, por tradição e costume, a mulher era responsável pelos deveres domésticos e também pelo apoio moral à família. Assim, a educação feminina centrava-se na preparação do seu destino como esposas e mãe” (SAMARA, 2006, p. 86). Não havia, portanto, necessidade de ofertar estudos que não fossem aqueles considerados próprios para a natureza feminina. O mais alto cargo que deveriam chegar era o de secretárias do lar, e isso lhes bastava.

Partindo desta afirmativa, uma aluna diz que, enquanto mulher, sua maior angústia é referente ao sentimento de sobrecarga que tem frente às muitas obrigações que lhe são destinadas:

São muitas as tarefas domésticas. É terrível. Porque pelo fato de ser mulher, histórica, social e culturalmente essas tarefas nos foram impostas e infelizmente ainda hoje é assim. Às vezes tenho que escolher entre ler uma apostila e lavar roupas. E serviço doméstico é interminável. Todos os dias e o

⁷ Zemina (17/04/2018).



tempo todo tem coisas para fazer. E quando se é uma mulher casada, a cobrança aumenta, não só por parte do marido, mas pelas próprias mulheres da família como: mãe, irmãs, tias. Então as atividades domésticas são uma grande dificuldade porque o tempo que poderia estar me dedicando aos estudos estou cuidando dos afazeres do lar. (ZEMINA, 17/04/2018).

Essa estudante explana bem a frustração de muitas mulheres universitárias quando se veem obrigadas a escolher entre realizar o trabalho de casa ou as obrigações da universidade. *As vezes tenho que escolher entre ler uma apostila e lavar roupas*, essa afirmação sinaliza duas coisas muito importantes. A primeira delas é que a partilha do trabalho doméstico ainda acontece baseando-se no gênero, sendo a mulher o substantivo mais prejudicado por essa cisão desigual e injusta, pois é sobre ela que as maiores responsabilidades têm sido depositadas.

O segundo ponto refere-se à insatisfação que essa situação causa nas mulheres, uma vez que ela também diz que *serviço doméstico é interminável*, sendo ele então inacabável não basta escolhê-lo apenas uma vez, as renúncias são feitas cotidianamente, e assim acabam priorizando os serviços domésticos em detrimento dos estudos. A mulher fica limitada ao cenário doméstico, que pouco contribui para a conquista de sua autonomia profissional.

Ela também destaca o processo de construção desse pensamento, quando menciona que *porque pelo fato de ser mulher, histórica, social e culturalmente essas tarefas nos foram impostas e infelizmente ainda hoje é assim*. Essa discente compartilha da mesma visão de alguns/mas autores/as que asseguram que as mulheres sentem a necessidade de diminuir a carga horária de trabalho ou estudo, pois o/a parceiro/a não se encontra disponível para dividir com elas os cuidados com os/as filhos/as e os afazeres domésticos, na maioria das vezes, e essa conjuntura em que ela é colocada influencia diretamente em incontáveis aspectos de sua vida, indo de sua saúde até sua profissionalização, ou falta dela (FIORIN; OLIVEIRA; DIAS, 2014).

Não realizam assim um trabalho que julgam satisfatório em nenhum contexto, é como se estivessem a todo momento divididas e esperando sair de uma tarefa para cumprir a próxima, em um ciclo infinito de insatisfação consigo mesmas, como bem explana uma discente quando relata que:

[...] você vai procurar seu jeito de estar conciliando tudo, tem um jeito para tudo, eu de início eu tinha essa preocupação de como seria, na gestação já



tinha a preocupação o que eu iria fazer da minha vida com toda minha rotina de ser mãe do segundo bebê, com a rotina de dona de casa, e eu ainda tento trabalhar, fazer uma renda extra, e enquanto universitária eu pensava que isso não iria fazer sentido nenhum, que alguma coisa iria ficar mal feita, mas tem a questão do tempo que é muito curto, mas eu tento estar administrando. O que dá certo para eu fazer hoje? Quais são as atividades que eu tenho? Vou tentando conciliar, mesmo que eu não tenha 100% de sucesso eu vou fazendo isso, tentando administrar o tempo [...]. (MINERVA, 25/10/2018).

As transformações que ocorreram na organização social, no trabalho e na família, provocaram mudanças nas formas de vida, fazendo com que a necessidade de conciliação do trabalho, das atividades domésticas e da maternidade se tornasse um dos maiores impasses atuais para o mulheril. Essa modificação gerou conflitos reais e difíceis de serem contornados, uma vez que, de um lado existe a necessidade de profissionalização feminina, já que é crescente o número de mulheres únicas provedoras do lar e de outro a dedicação aos/as filhos/as, pois também é progressiva a quantidade de mães solo.

Outro ponto destacado pelas alunas é referente à falta de tempo para o lazer, devido às muitas atividades que têm que dar conta. As que são mães consideram lazer o ato de ficar com os/as filhos/as, pois, devido ao fato de se sentirem culpadas por estarem distantes enquanto estudam ou trabalham, convertem todo seu tempo livre em oportunidade de estar com as crianças. Em vista disso não se pode ignorar a questão do lazer das mulheres universitárias, pois é importante que haja equilíbrio entre o trabalho e a vida pessoal, buscando preservar a saúde física e mental, possibilitando a elas desfrutar de momentos prazerosos e de ócio, reconhecendo a saúde como um direito fundamental, incluindo o lazer (REUSCH; SCHWINN, 2015).

Por mais que ainda perdure a concepção de que só se vence através de um intenso esforço, sacrifício e abnegação é de extrema necessidade que se considere o lazer como algo indispensável à qualidade de vida de qualquer pessoa, pois os momentos de descanso também são essenciais para a manutenção da saúde mental e física dos/as indivíduos/as.

As demais dizem que sentem falta de passar mais tempo com a família ou amigos/as e algumas citam ainda sobre seu círculo religioso, no qual tiveram que diminuir a participação para se dedicar aos estudos. Uma aluna diz que gostaria de ter mais tempo:

[...] para me dedicar à minha família, para momentos de lazer, o cansaço da jornada de estudos, do ser mãe, dona de casa, esposa e sentir que não estou



me saindo bem nessas situações, a sensação de que não estou alcançando o êxito que gostaria nem na universidade, nem em casa. (LINFA, 20/04/2018).

Essa fala nos remete a um aspecto também comum às mulheres estudantes, e que já foi citado neste estudo, a insatisfação delas consigo mesmas quando não conseguem conciliar seus vários papéis. Relatam que na maior parte do tempo sentem-se incapazes e culpadas. O perfil etário da pesquisa varia dos 17 aos 54 anos, a jovem retro mencionada se encontra nas primeiras décadas de vida e considerando as muitas obrigações que já tem que desempenhar, é de se entender o porquê de tanta frustração, pois nota-se que ela já percebe a dificuldade existente na harmonização de tantos encargos.

Algumas consequências, herança do patriarcado, são facilmente identificadas nesse sentimento de culpa que diversas mulheres sentem quando, ainda que pensando na melhoria de vida familiar, exercem uma dupla ou as vezes tripla jornada de trabalho, tendo muitas vezes que deixar os/as filhos/as com familiares ou conhecidos/as para conseguirem dar conta das múltiplas funções que têm que desempenhar, “para a mulher contemporânea, trabalhar e ser uma profissional bem sucedida é somar responsabilidades, mais do que isto é, frequentemente, suportar certas medidas de conflitos e culpa” (BORSA; FEIL, 2008, p. 08).

Além de agregar um trabalho remunerado fora de casa, o ofício estudantil e a maternidade, as atividades domésticas também ficam quase que exclusivamente sob a responsabilidade feminina, e assim a mulher acaba se submetendo a muitos sacrifícios para conseguir suprir às diversas expectativas que não deveriam recair somente sobre ela.

6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS DE UMA DISCUSSÃO QUE CONTINUA

A intenção deste artigo foi expor como alunas do DEDC, *Campus XII* da UNEB que são: “*mães, esposas, donas de casa ou trabalhadoras*” percebem sua inserção, permanência e atuação na universidade.

Um dos fatos mais evidentes neste estudo foi que por mais que as mulheres sejam uma maioria considerável no meio acadêmico ainda convivem, e são afetadas, com diversas consequências de um passado que as limitou em vários âmbitos.

Não são raras as situações em que são obrigadas a escolher entre dar continuidade em seus estudos ou dedicar-se à família e aos/as filhos/as, circunstância que sinaliza como ainda



são visíveis as heranças de uma exclusão educacional a que foram submetidas. A criação do estereótipo de “supermulher” também as prejudicou em diversos sentidos, pois normalizou a conjuntura de sacrifícios e abdições a que se sujeitam por ainda pensarem que devem conciliar a qualquer custo todas as obrigações, que na maioria das vezes lhe são impostas.

Diante de tudo o que foi analisado pôde-se perceber que mesmo tendo alcançado muitas conquistas o público feminino ainda encontra inúmeros dilemas no momento de estudar, não se tratando, porém de impasses relacionados somente à vida acadêmica, não são dificuldades convencionais que qualquer pessoa que decidisse cursar a universidade encontraria, remetem-se a adversidades que se deparam somente por serem mulheres e carregarem consigo o peso que esse substantivo implica.

Deste modo, o que ficou perceptível foi que o ingresso das participantes na universidade foi motivo de muita alegria, mas veio acompanhado de várias preocupações, devido às obrigações que essas mulheres já tinham antes da aprovação. O medo mais recorrente remeteu-se à questão do cuidado com os/as filhos/as, com quem deixá-los enquanto iam para a aula e ainda se conseguiriam harmonizar todos os afazeres que já possuíam com as novas experiências e demandas que a universidade traria.

Para aquelas que moravam distante da universidade, uma grande preocupação foi sobre como se deslocariam para o *campus* universitário, já que o transporte escolar público não é assegurado para estudantes do Ensino Superior em todos os municípios, e as condições financeiras delas não permitiam o custeio de uma condução particular.

Vê-se assim que mesmo com as lutas travadas pelos movimentos feministas que visavam a inclusão das mulheres nos assuntos da sociedade, infelizmente ainda no século XXI questões como a divisão desigual do trabalho doméstico e do trato com os/as filhos/as ainda tendem a pesar mais sobre os ombros femininos, já que se tratam de obrigações impostas, histórica e socialmente às mulheres, e que somente nos últimos anos começaram a ser questionadas com vistas a gerar mudanças.

O que se faz necessário e urgente é a mobilização dessas mulheres, que possuem condições singulares e são, portanto, um coletivo invisibilizado no meio universitário, para que assim pressionem os órgãos públicos, até que estes comecem a oferecer condições apropriadas de estudos, intencionando criar condições que as impulsionem para a conquista de novos espaços e do empoderamento, tanto dentro quanto fora do lar.



Para concluir, ainda que temporariamente, a partir de todas as questões aqui levantadas, o que defendemos é a melhoria das percepções em relação às mulheres. Deve-se conceber que não estão inclusas no estereótipo de “supermulher” porque querem, mas porque são condicionadas e muitas vezes compelidas a isso. De “super” elas só possuem a vontade de vencer, mesmo diante de todas as dificuldades, mesmo tendo suas necessidades invisibilizadas.

Frente a tudo o que foi exposto, para aqueles/as que visam mudanças, não só para si, mas para todos/as os/as que necessitam, torna-se impossível continuar a usufruir da universidade sem ponderar sobre as demandas dos coletivos que a mantêm de pé, já que os espaços só têm relevância na medida em que contemplam as pessoas que estão neles.

Que nossa prática cotidiana sirva, não para manter os privilégios de classes menores, porém dominantes, mas para ofertar equidade para que todos/as, independente do gênero, etnia, classe social, tenham a possibilidade de estar onde querem e não sejam impedidos/as pelas condições a que estão sujeitos/as.

Referências

AMADO, João da Silva. Construir a disciplina para um ensino de qualidade. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v.4, n. 5, jun./dez. 2008. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/574>. Acesso em: 15 nov. 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. RETO, Luís Antero; PINHEIRO, Augusto (trads.) Lisboa: Edições 70, 1977.

BORSA, Juliane Callegaro; FEIL, Cristiane Friedrich. **O papel da mulher no contexto familiar: uma breve reflexão**. O portal dos psicólogos. Porto Alegre/RS, 2008. Disponível em: <http://www.googleacademico.com.br/>. Acesso em: 09 nov. 2018.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 09 nov. 2018.

COSTA, Ana Sheila Fernandes; AKKARI, Abdeljalil; SILVA, Rossana Valéria Souza. Educação básica no Brasil: políticas públicas e qualidade. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v.7, n. 11, jun./dez. 2011. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/666>. Acesso em: 13 nov. 2018.

DUARTE, Alexandre William Barbosa; OLIVEIRA, Dalila Andrade. Valorização profissional docente nos sistemas de ensino de Minas Gerais e Pernambuco. **Revista Práxis Educacional**,



Vitória da Conquista, v.10, n. 17, jun./dez. 2014. Disponível em:
<http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/780>. Acesso em: 14 nov. 2018.

EUGÊNIO, Benedito Gonçalves. O currículo na educação de jovens e adultos: entre o formal e o cotidiano numa escola municipal em belo horizonte. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 4, n. 4, jan./jun. 2008. Disponível em:
<https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/570>. Acesso em: 13 nov. 2018.

FREIRA, Maria Auxiliadora S. Práxis pedagógica e professores intelectuais: refletindo as tensões e concepções da formação/prática docente. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v.1, n. 1, jan./dez. 2005. Disponível em:
<http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/485>. Acesso em: 12 nov. 2018.

FIORIN, Pascale Chechi; OLIVEIRA, Clarissa Tochetto de; DIAS, Ana Cristina Garcia. Percepções de mulheres sobre a relação entre trabalho e maternidade. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. São Paulo, v. 15, n. 1, p. 25-35. 2014. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v15n1/05.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ILHA, Franciele Roos da Silva; HYPOLITO, Álvaro Moreira. O trabalho docente no início da carreira e sua contribuição para o desenvolvimento profissional do professor. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v.10, n. 17, jun./dez. 2014. Disponível em:
<http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/781>. Acesso em: 14 nov. 2018.

LOPES, Manuela Nunes; ZANON, Letícia Lovato Dellazzana; BOECKEL, Mariana Gonçalves. A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia. **Temas em Psicologia**. Ribeirão Preto, vol. 22, n. 4, p. 917-928. 2014. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v22n4/v22n04a18.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2018.

MOREIRA, Antonio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 2000.

MOREIRA, Antonio Flavio; JÚNIOR, Paulo Melgaço da Silva. Currículo, Transgressão e Diálogo: quando outras possibilidades se tornam necessárias. **Revista Tempos e Espaços em Educação**. v. 9, n. 18, p. 45-54, 2016. Disponível em:
<https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4962/4097>. Acesso em: 14 nov. 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

PARASKEVA, J. M. “Brutti, Sporchi & Cattivi”: Towards a Non-Abyssal Curriculum. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 9, n. 18, p. 75-90, 2016. Disponível em:
<https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4966> Doi:
<https://doi.org/10.20952/revtee.v9i18.4966>



PEREZ, Marcia Cristina Argenti. Infância e escolarização: discutindo a relação família, escola e as especificidades da infância na escola. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 8, n. 12, jan./jun. 2012. Disponível em:

<http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/684>. Acesso em: 13 nov. 2018.

REUSCH, Patrícia Thomas; SCHWINN, Simone Andrea. **Novas tecnologias e trabalho: o trabalho feminino e o direito à desconexão**. Revista EDUNISC. Santa Cruz do Sul, 2015.

Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/view/13172>.

Acesso em: 11 nov. 2018.

SAMARA, Eni de Mesquita. Feminismo, Justiça Social e Cidadania na América Latina. In: MELO, Hildete Pereira de; PISCITELLI, Adriana; MALUF, Sônia Weidner; PUGA, Vera Lucia (orgs.). **Olhares Feministas**. Ministério da Educação: UNESCO. Coleção Educação para Todos. Brasília/DF, v. 10. p. 510, 2006. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=639-vol10feministas-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 10 nov. 2018.

SANTOS, José Jackson Reis dos. Especificidades dos saberes para a docência na educação de pessoas jovens e adultas. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 6, n. 8, jan./jun. 2010. Disponível em:

<https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/623>. Acesso em: 16 nov. 2018.

SPARTA, Mônica; GOMES, William. Importância atribuída ao ingresso na Educação Superior por alunos do Ensino Médio. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. Porto Alegre, vol. 6, n. 2. p. 45-53. 2005. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/museupsi/lafec/16.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2018.

VASCONCELOS, Natália Batista. Programa Nacional de Assistência Estudantil: uma análise da evolução da assistência estudantil ao longo da história da Educação Superior no Brasil.

Ensino em Re-vista. Uberlândia, v. 17, p. 599-616. 2010. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/11361/6598>. Acesso em: 14 maio 2018.

SOBRE AS AUTORAS:

Sônia Maria Alves de Oliveira Reis: Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora adjunta da Universidade do Estado da Bahia onde atua na graduação e nos cursos de especialização *lato sensu*. É professora externa do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UESB), coordenadora de área do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), líder do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE/CNPQ). Coordenadora do Doutorado Interinstitucional. Dinter - UNEB/UFMG. E-mail: sonia_uneb@hotmail.com.

Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0129-0719>



Samara Gomes Aguiar: Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB/DEDC - *Campus XII*. Mestranda na linha de pesquisa: Currículos, Práticas Educativas e Diferenças do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGE/UESB). Membro do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE/CNPQ). Bolsista FAPESB. E-mail: samaraaguiarcte@hotmail.com.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4259-4145>

Valquiria Normanha Paes: Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação - *Campus XII* - Guanambi/BA. Membro do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE/CNPQ). Foi bolsista PIBIC/FAPESB. E-mail: valquirianpaes@hotmail.com.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1084-6977>

Recebido em 05 de janeiro de 2020.
Aceito em 08 de fevereiro de 2020.
Publicado em 12 de fevereiro de 2020.

